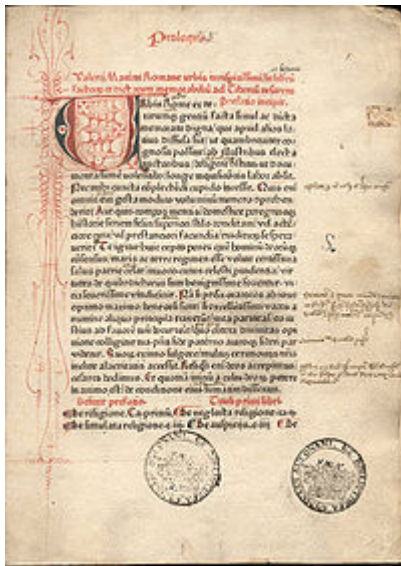


Incunábulo

adaptado de: Wikipédia, a enciclopédia livre.



Livro de 1471

Incunábulo é um livro impresso nos primeiros tempos da imprensa com tipos móveis, não escrito à mão.

A sua origem vem da expressão latina *in cuna* (no berço), referindo-se assim ao berço da tipografia.

Refere-se às obras impressas entre 1455, data aproximada da publicação da Bíblia de Gutenberg, até 1500.

História

O primeiro registo de uso do termo encontra-se num panfleto de Bernhard von Mallinckrodt, *De ortu et progressu artis typographicae* (Do sucesso e progresso das artes tipográficas), publicado em Colónia em 1639, que inclui a frase *prima typographicae incunabula* (primeira infância da impressão), que ele arbitrariamente deu como concluída em 1500, data que permanece como uma convenção.

Existem incunábulos em dezoito idiomas, em ordem decrescente, Latim, Alemão, Italiano, Francês, Holandês, Espanhol, Inglês, Hebreu, Catalão, Checo, Grego, Eslavo, Português, Sueco, Bretão, Dinamarquês, Frísio e Sardo.

Os tipógrafos mais conhecidos dessa época são Albrecht Pfister (Bamberg), Günther Zainer (Augsbourg), Jean Neumeister (Albi), Johannes Mentelin (Strasbourg), William Caxton (Bruges) e Michael Furter (Bâle) e Henri Mayer (Toulouse). Foram identificados cerca de mil tipógrafos e seus respectivos livros, mas cerca de 150 não o foram ainda, sendo referidos como *o tipógrafo do livro...* Como a maioria dos livros não continha o nome, a data e a cidade, a identificação atribui-se pelo estudo das fontes utilizadas, características do papel e possíveis marcas d'água. A digitalização dos acervos facilitou muito a comparação das edições, uma vez que o alto valor histórico e mesmo monetário dos livros dificulta o transporte e o acesso aos incunábulos.

Um em cada dez eram ilustrados com gravuras feitas em madeira ou metal. Outros tinham a letra inicial do capítulo manuscrita artisticamente após a impressão. O

incunábulo mais comum, *Liber Chronicarum* (também conhecido como Crónica de Nuremberg de Schedel), de 1493, do qual restam 1250 cópias, é também um dos mais ilustrados. De vários resta apenas uma cópia e na média restam 18 exemplares de cada. Da Bíblia de Gutenberg, o primeiro e certamente o mais famoso e valioso dos incunábulos, restam 48 (em outras versões 49) cópias conhecidas.

Quantidade e Localização

São conhecidos cerca de vinte e oito mil títulos, a maioria usando letras góticas. Os estudiosos costumam classificar os incunábulos pelas características da letra, que remetem para o tipógrafo e pela sua localização geográfica.

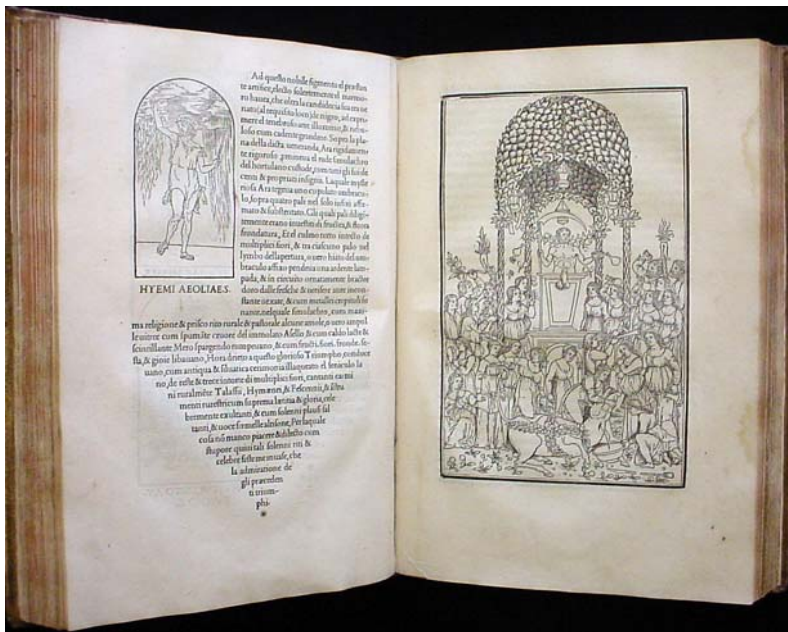
A maioria está localizada em museus e coleções na Europa, onde foram produzidos, inclusive em Portugal. Algumas coleções foram adquiridas por museus e colecionadores dos Estados Unidos e da Ásia, principalmente no Japão. Os exemplares conhecidos no Brasil acompanharam na sua maioria a Família Real portuguesa em 1808, e encontram-se na Biblioteca Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro. Outros foram levados por congregações religiosas, como os seis exemplares da Biblioteca do Mosteiro de São Bento (fundado em 1598), ou comprados a particulares, como os nove exemplares da Biblioteca Mário de Andrade, também em São Paulo.

Bíblia de Gutenberg



Uma página da Bíblia de Gutenberg (Velho testamento).

Hyperotomachia Poliphili



Hyperotomachia Poliphili (1499) é um dos livros impressos no Renascimento mais enigmáticos de que se tem notícia. O título, numa tradução aproximada do grego, significa *A luta amorosa de Poliphilo em um sonho*. A *Hyperotomachia* é considerado um dos *incunábulo*s mais belos, juntamente com a Bíblia de Gutenberg.

Crónica de Nuremberg



Xilogravura, colorida à mão, da Crónica de Nuremberg: representação de Deus criando o mundo